

The manifestation of Nietzschean authenticity in surrealist art through Pipilotti Rist

The philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900) proposed that superficiality resides in human consciousness. Therefore, in the sphere of the incommunicable, that is, the unconscious, is the authenticity and uniqueness of each individual. Surrealism, an artistic movement from the beginning of the 20th century, reacted to the rationalism of the time, paying attention to the role of the unconscious in artistic expressions. Based on the concept of Nietzschean authenticity and surrealism in art, this research intends to make a connection between the two concepts through the analysis of the works of Pipilotti Rist, a Swiss visual artist who uses intimate and surreal elements to compose her videoarts and video-installations, often using self-portraits and showing a concern for the female body.

Keywords

Authenticity, Nietzsche, Videoart, Surrealism, Pipilotti Rist

A manifestação da autenticidade nietzschiana na arte surrealista através de Pipilotti Rist

O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) propôs que na consciência humana reside a superficialidade. Portanto, na esfera do incommunicável, ou seja, do inconsciente, está a autenticidade e singularidade de cada indivíduo. O surrealismo, movimento artístico do início do século XX, reagiu frente ao racionalismo da época, dando atenção ao papel do inconsciente nas expressões artísticas. Tendo como base o conceito da autenticidade nietzschiana e o surrealismo na arte, a presente pesquisa pretende fazer uma ligação entre os dois conceitos através da análise das obras de Pipilotti Rist, artista visual suíça que utiliza elementos íntimos e surrealistas para compor suas video-artes e video-instalações, utilizando-se muitas vezes de autorretratos e mostrando uma preocupação com o corpo feminino.

Keywords

Autenticidade, Nietzsche, Videoarte, Surrealismo, Pipilotti Rist

SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral.¹

A autenticidade no inconsciente para Nietzsche

Friedrich Nietzsche, em seu livro *A Gaia Ciência*, publicado pela primeira vez em 1973, propôs que o que temos de conteúdo no consciente é mais superficial e, consequentemente, menos relevante. Este conteúdo superficial está diretamente relacionado com o desejo de comunicação, uma vez que a consciência se desenvolveria por causa da necessidade de comunicação. Dessa forma, no inconsciente, no incomunicável, residiria o que existe de singular e autêntico em um indivíduo. Segundo o filósofo, “o homem, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não sabe disso; o pensamento que se torna consciente é apenas a mínima parte dele, e nós dizemos: a parte mais superficial, a pior parte”. (Nietzsche, 2001, p. 225). O autor também defendeu que “tudo que se torna consciente justamente com isso se torna raso, ralo, relativamente estúpido, geral, signo, marca de rebanho, que como todo tornar consciente, está associada a uma grande e radical corrupção, falsificação, superficialização e generalização” (Nietzsche, 2001, p. 225, 226). Assim, a consciência, para Nietzsche, tem um caráter falsificador e, por consequência, tudo que a perpassa acaba falsificado. Para o autor, a vontade de poder, ou potência, seria a força que impulsiona o ser humano, entendendo-a não só como uma essência, mas uma necessidade. Sobre a vontade de poder na arte, Nietzsche descreve dois estados:

“Apolíneo, dionísio. - Há dois estados nos quais a arte, Ela mesma, irrompe no homem como um poder da natureza, impondo-se, queira ele ou não: de um lado, como coação para a visão; de outro lado, como coação para o orgiástico. Ambos os estados também estão presentes na vida normal, apesar de mais atenuados, no sonho e na embriaguez. Mas a mesma oposição ainda subsiste entre sonho e embriaguez: ambos desencadeiam em nós poderes artísticos, mas são diferentes: o sonho é o poder do ver, do combinar, do poetar; a embriaguez é o poder do gesto, da paixão, do canto, dança.” (Nietzsche, 2011, p. 397, 398).

O estado dionísio seria então um estado puro criativo. Nietzsche deu muito valor à potência em seus escritos, ligada à uma certa autenticidade e singularidade do indivíduo, esta presente no inconsciente, manifestado pela fuga da consciência moral de origem cristã.

A expressão do inconsciente na arte surrealista de Pipilotti Rist

O movimento surrealista desenvolveu-se no início do século XX, tendo o francês André Breton (1896-1966) como um dos maiores expoentes, tendo escrito diversos textos sobre o Surrealismo, inclusive o *Primeiro Manifesto Surrealista*, datado de 1924. O surrealismo surgiu como reação à forma positivista de enxergar o mundo e o próprio ser humano. Recorrendo ao inconsciente como potência criadora, o surrealismo intencionava afastar-se de qualquer controle exercido pela razão ou moral, dando imenso valor a livre associação de ideias e ao onirismo como formas de expressão e liberdade criadora. A imagem, para o surrealismo, serve muito bem como estrutura na transmissão das ideias/pensamento e da sensação. Assim, o cinema, recorrendo à sequência de imagens e também à uma estrutura sonora, é um ótimo transmissor e ferramenta da arte surrealista.

Elisabeth Charlotte “Pipilotti” Rist, artista visual suíça nascida em 1962, realiza filmes experimentais, com o suporte tanto do vídeo quanto do filme, apresentados sobretudo em projeções e no formato de vídeo instalações. Seu nome artístico “Pipilotti” faz referência à Pippi Longstockings, personagem de Astrid Lindgren, escritora suíça de livros infantis, e seu nome de infância “Lotti”. A artista trabalha com alterações visuais e sonoras em suas obras, tratando de temas como o gênero, corpo e sexualidade, e utilizando um discurso com grande influência surrealista. *I'm Not The Girl Who Misses Much*, de 1986, é considerada a primeira obra de Pipilotti Rist. Foi realizada em um momento da história em que a MTV - canal televisivo norte-americano que ficou conhecido pela disseminação e popularização de videoclipes musicais - já surtia grande influência cultural. No vídeo, Rist exagera alguns elementos da cultura pop e televisiva, principalmente no que se diz respeito ao corpo feminino: vemos uma mulher com seu rosto e corpo desfocados, dançando descontroladamente em um vestido preto e com os seios à mostra. O rosto desfocado faz-se subentender uma identidade individual perdida, reduzida à “mulher” pelo vestido e os seios à mostra. A artista utiliza, além do desfoque, o *slow motion* e *fast motion*, técnicas de desaceleração e aceleração do vídeo, muito utilizadas em videoclipes. O título do vídeo faz referência à primeira frase da música *Happiness is a Warm Gun* dos Beatles (banda de rock inglesa da segunda metade do século XX).



Figura 1 - *I'm Not The Girl Who Misses Much* (Pipilotti Rist, 1986)²

¹ Breton, A. (1924). *Primeiro Manifesto Surrealista*. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~cec/arquivos/referencias/Manifesto%20do%20Surrealismo%20%20Andr%20Breton.htm>.

² Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/rist-im-not-the-girl-who-misses-much-t07972> Acesso em: 09/06/2020.

Dessa maneira, a artista parodia a histeria feminina, normalmente apresentada na música pop e rock, através de gestos exagerados. Rist também coloca em causa a representação do corpo feminino na mídia, com os seios para fora do vestido somado aos gestos exagerados e o desfoque da câmera, aparentando ser uma boneca histérica. A artista converte a pulsão sexual (que geralmente é representada em videocliques através da fetichização do corpo feminino) em estranheza, ao moldar um corpo histérico. O descontrole e o poder do gesto é um elemento essencial no vídeo de Rist, podendo ser relacionado com o sentimento de embriaguez proposto por Nietzsche:

“O sentimento de embriaguez como correspondendo, de fato, a um incremento de força: o mais intensamente no momento do acasalamento sexual: novos órgãos, novas habilidades, cores, formas... [...] O estado de prazer, que se nomeia embriaguez, é exatamente um elevado sentimento de poder... As sensações de espaço e de tempo se alteram: a vista alcança enormes distâncias, e elas se tornam perceptíveis pela primeira vez; a dilatação do olhar sobre grandes quantidades e amplidões; o refinamento dos órgãos para a percepção de muitos detalhes minúsculos e fugidios [...] a força como sentimento de domínio nos músculos, como elasticidade e prazer no movimento, como dança [...]” (Nietzsche, 2011, p. 398)

Assim, pode-se considerar que Pipilotti Rist em *I'm Not The Girl Who Misses Much*, transforma elementos que normalmente tiram o poder da mulher sobre a sua própria autenticidade, singularidade e essência, como o estereótipo da mulher histérica e a sexualização de partes do corpo feminino, através da agressividade e exagero dos gestos, *ironizando* alguns elementos visuais (como o vestido e o desfoque da câmera).

Ever is Over All é uma vídeo-instalação de 1997, na qual uma mulher quebra janelas de carros estacionados, demonstrando prazer e alegria na ação, transformando a atividade em uma catarse. Ela usa um vestido azul e sapatos vermelhos cintilantes, reforçando um estereótipo do gênero feminino. Além disso, o objeto usado para quebrar os vidros é uma flor vermelha, símbolo que normalmente remete ao gênero feminino, a “paixão” e a “sutileza”. A ironia está, justamente, na relação do onirismo apresentado e da alegria e vivacidade da ação que é, em sua essência, destrutiva.



Figura 2 – *Ever is Over All* (Pipilotti Rist, 1997)³

A feminilidade geralmente é representada por simbologias que remetem à criação, e Rist converte isso traduzindo uma ação destrutiva através de um corpo dito e apresentado como feminino. Enquanto a artista quebra o vidro dos carros, uma policial mulher (profissão esta que é geralmente remetida mais ao gênero masculino do que o feminino) observa sua ação com um sorriso de aprovação no rosto. A ação foi gravada em um só take com uma câmera SD⁴ que, por conta das definições de vídeo, traduzem as cores mais saturadas e com ruídos. O efeito, somado à técnica do *slow motion*, dá a sensação de sonho, tendo a música - que traduz-se em uma melodia também onírica - um fator contributivo para tal. A vídeo-instalação foi composta por duas projeções: uma, com o vídeo da ação em plano-sequência do que foi descrito anteriormente e, a segunda, com um vídeo - também em *slow motion* - de campos de flores.

Em *I Couldn't Agree with You More* (1999) dois vídeos são projetados: um maior, da artista andando em um apartamento, em um supermercado e em um ônibus lotado, lugares onde ela revela o espaço e as pessoas em seu entorno, e uma menor projeção, de um homem nu em uma floresta. Rist faz uma referência religiosa, à expulsão do Jardim do Éden, criando uma narrativa e correlação com o “início” da sociedade, quando os seres humanos andavam nus à procura de frutos, e aos “dias atuais”, plastificados e falsos como as estruturas apresentadas pela artista na projeção maior. Este não é o único trabalho de Pipilotti Rist em que podem ser encontradas referências religiosas. Em *Apple Tree Innocent on Diamond Hill* (2003) a artista coloca uma árvore de seis metros frente à uma projeção. Nos galhos da árvore estão pendurados objetos domésticos transparentes que Rist foi coletando durante anos.



Figura 3 – *Pickelporno* (Pipilotti Rist, 1992)⁵

Ainda em *I Couldn't Agree with You More* (1999) a artista dá ênfase, assim como em outras obras de sua autoria, na saturação das cores e em um registro em vídeo de baixa

³ Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/81191>
Acesso em: 12/06/2020

⁴ Sigla para Standard Definition ou “definição padrão”, que oferece uma qualidade de imagem inferior à High Definition ou “alta definição”.

⁵ Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/118392>
Acesso em: 09/06/2020

qualidade, dando a impressão de um *daydream*: (sonhar acordado). A projeção do homem nu é centralizada muitas vezes na região de sua testa, fazendo uma possível referência à um pensamento, ao desejo da liberdade da qual aquele homem goza. Essa vontade estaria expressa em seu inconsciente, lugar dos desejos e da vontade.

Rist realiza *Pickelporno* em 1992 como reação ao *boom* dos vídeos pornográficos do final do século XX, consumidos na televisão e em fitas de vídeo VHS. Com a intenção de valorizar mais a subjetividade das sensações e sentimentos envolvidos no ato sexual do que na ação em si, a artista explora formas do sexo ser re-imaginado através da perspectiva de uma mulher. Além disso, mostra ao espectador outras formas de olhar para o corpo feminino, colocando *close-ups* em partes de seu próprio corpo, como a impressão digital de seu dedo, até a sola dos próprios pés. As imagens do corpo da artista são colocadas em sobreposição à imagens de campos de flores e da natureza em geral. Assim, a artista assume um discurso de tom onírico, psicodélico, voltando novamente ao desejo, defendendo a autenticidade dos gestos e do desejo, podendo ser relacionado com os argumentos propostos por Nietzsche comentados anteriormente.

Tais escolhas técnicas e estéticas feitas por Pipilotti Rist em suas obras ajudam a manifestar um desejo, uma pulsão da artista, assim podendo ser relacionada com o conceito de potência para Nietzsche, a força que impulsiona o ser humano. Pode-se então dizer que, através da sua arte onírica e surrealista, Rist expressa uma autenticidade nietzschiana, buscando referências ao inconsciente e ao desejo.

Referências bibliográficas

BRETON, A. (1924). **Primeiro Manifesto Surrealista**. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~cec/arquivos/referencias/Manifesto%20do%20Surrealismo%20%20Andr%20Breton.htm>. Acesso em: 12/06/2020.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. Paulo C. SOUZA. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____, F. **A vontade de poder**. Trad. Marcos S. P. FERNANDES, Francisco J. D. MORAIS. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.